

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara | ENTRE LISBOA E ROMA: ESPAÇOS E QUOTIDIANOS DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY (1713-1792)

“Mas eu que considero as excellentes qualidades do sítio de Lisboa, não posso deixar de a fazer cabeça de hum grande Império; porque não fez Deos em vão as suas qualidades, que para isso lhe deo...”

Do sítio de Lisboa. Dialogos. Lisboa, Imprensa Régia, 1803, p. 119

No âmbito alargado deste congresso - a decorrer no seguimento da comemoração dos 300 anos do nascimento de Luis António Verney - cabe no painel dedicado às Artes e à Música, ou seja, ao seu tempo artístico, trazer algumas reflexões centradas no cenário urbano da cidade de Lisboa e nas suas respectivas compreensões, contextualizando o nosso projecto de investigação: *Cidade e Espectáculo: uma visão de Lisboa pré-terramoto*¹ em desenvolvimento desde 2005 no Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora.

O propósito desta reflexão não será tanto o de fornecer elementos novos mas o de interpretar aqueles que se conhecem, prendendo-se com as percepções da Lisboa contemporânea de Luis António Verney à data da sua partida para Roma – comparando uma cidade descrita e projectada com uma cidade efectivamente vivida e construída.

Tomámos deste modo como exemplo a Lisboa deste período num “tempo longo” - pois a sua vida abrangeu uma grande parte do século XVIII – e problematizando a ideia de cidade enquanto espaço e lugar social, e universo interdisciplinar.

Durante a longa centúria de Setecentos ocorreram inevitavelmente mudanças profundas, como sabemos, ao nível do “fazer” urbano, de construir a cidade e sobretudo na forma de a entender e olhar tanto no que se refere à função dos seus vários espaços como à fruição do quotidiano.

Percebemos que a história do espaço é também feita por pessoas que nele vivem e das suas próprias relações sociais, pois compreender as formas de circulação, hierarquização e especialização do espaço urbano pode ser hoje um interessante contributo para o estudo da evolução das dinâmicas sociais e culturais.

A identidade do sítio e a construção da memória de alguns espaços e edifícios da lisboa da 1ª metade de setecentos

O sítio de Lisboa constituiu desde sempre um elemento fundamental da sua identidade como centro urbano, e também enquanto lugar comercial da Europa

¹ Vd. <http://lisbon-pre-1755-earthquake.org/sobre-o-projecto-pt/>

do período moderno². Lisboa cresceu sempre com uma relação estreita com o rio (quase um mar), centrada em redor de uma praça marítima, pois recorde-se a opção urbanística do rei D. Manuel em ir viver junto ao rio, fazendo do Terreiro do Paço o coração da sua política de expansão.³

A sua magnífica implantação junto ao estuário do rio Tejo comporia o essencial da iconografia que se conhece desde sempre de Lisboa, impondo-se um *modelo representacional* com vista a internacionalizar a imagem da cidade.



Lisboa c. 1513. gravura, George Braun e Franz Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, Cologne, 1572, Vol. I).

Junto ao rio, Lisboa desenvolve-se criando projectos mais amplos de significado político e económico desde seiscentos, pois a iconografia mostra uma cidade mais ordenada e com maior aparato junto ao Terreiro do Paço, configurando-se o palácio real fundamentalmente pela introdução de um novo elemento – o Torreão – que passou a ser, a partir de então, a sua imagem identitária.

² O estudo do passado da cidade de Lisboa enquanto fenómeno urbano conheceu desde sempre diferentes abordagens e variantes interpretativas, conduzindo aos mais variados pontos de vista na historiografia portuguesa. Ver, entre muitos outros, estes importantes estudos: MURTEIRA, Maria Helena, *Lisboa. Da Restauração às Luzes*, Editorial Presença, 1999; CAETANO Carlos, *A Ribeira de Lisboa. A época da Expansão Portuguesa (séculos XV a XVIII)*, Lisboa 2004; ROSSA, Walter, “A imagem ribeirinha de Lisboa” in *A urbe e o traço*, Coimbra 2002, pp. 86-121, Lisboa do século XVII, “A mais deliciosa terra do Mundo. Imagens e Textos nos 400 anos do nascimento do Padre António Vieira, Lisboa, Câmara Municipal, Lisboa 2008, e, numa visão de conjunto, Paulo Pereira, *Lisboa (Século XVI – XVII)*, discurso proferido no Simpósio internacional *Novos Mundos – Portugal e a Época dos descobrimentos* no Deutsches Historisches Museum em Berlin, 23 a 25 de Novembro de 2006.

³ Vd. CARITA, Helder, *Lisboa Manuelina e a formação dos modelos urbanísticos da época moderna (1492- 1521)*, Livros Horizonte, Lisboa 1999,

O palácio⁴ com a sua grande fachada corrida permanece quase sem alterações até ao período joanino, contendo modificações e profundas remodelações no seu interior impostas pela construção do complexo da Patriarcal.

A grande praça⁵, fechada a poente pelo Palácio Real, assumia a função simbólica, sendo desde sempre palco de grandes celebrações públicas.

Palácios, igrejas, conventos e outros edifícios assumiam-se como elementos dinamizadores de todo o urbanismo, sendo de destacar duas peças arquitectónicas da maior importância e que são elas próprias espaços da memória da cidade:

- O Real edifício da Ópera do Tejo⁶ com a sua imensa carga simbólica por ter sido uma construção de duração efémera. O seu imprevisto desaparecimento, o relato dos testemunhos que sobre ele se debruçaram, assim como os poucos elementos iconográficos que ainda existem, desencadearam um processo de reconstituição de um espaço de excelência artística.

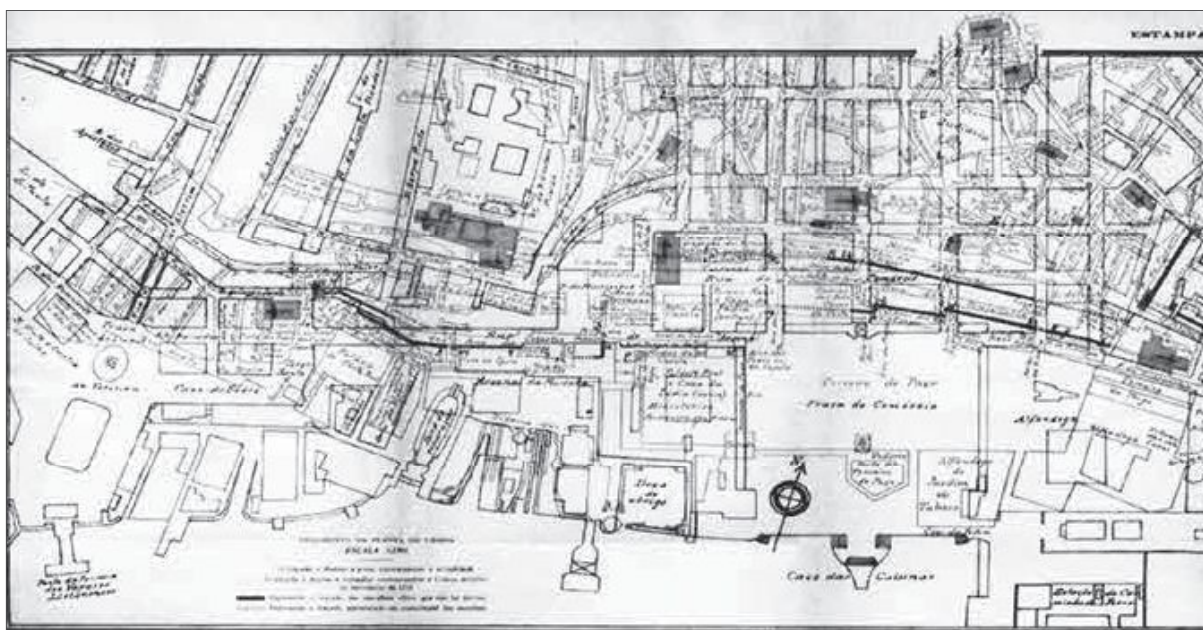
Sabemos com alguma certeza documental que a escolha da localização do edifício da Ópera foi fundamental - de certo modo pensada - e que teve um impacto urbanístico na zona. Seria um edifício que teria de marcar a zona baixa da cidade, junto ao Palácio Real com a frente virada ao rio.

A Real Ópera do Tejo (assim designada) ocuparia o vasto espaço a oeste do Paço Real e da Casa da Índia, zona onde actualmente se encontra o edifício do Arsenal da Marinha, provavelmente abrangendo toda a distância entre o Beco da Fundação (o limite ocidental do teatro) e o Arco da Ribeira (junto ao Terreiro do Paço)

⁴ Vd. SENOS, Nuno, *O Paço da Ribeira, (1501-1581)* Lisboa 2002.

⁵ Vd. AA VV, *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio* (coor. Miguel Faria), Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

⁶ Vd. GALLASCH-HALL, " A Ópera do Tejo e a sua ligação ao Paço Real: possíveis vestígios arquitectónicos" In *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio, op. cit*, pp.93-111, JANUÁRIO, Pedro – *Teatro Real de la Opera del Tajo (1752-1755), Investigacion sobre un teatro de opera a la italiana para una posible reconstituicion conjectural, basada en elementos iconográficos y fuentes documentales*, Universidade Politécnica de Madrid, Madrid, 2008; CÂMARA, Maria Alexandra Trindade, «A Nostalgia de um Património Desparecido: uma obra emblemática de encomenda régia na Lisboa do século XVIII – A Real Ópera do Tejo» in *O Grande Terramoto de Lisboa : Ficar Diferente*, colóquio organizado pelo Centro dos Estudos Comparatistas na Faculdade de Letras de Lisboa, Edições Colibri, 2006, pp. 202-211; idem, "Reconstruir a Ópera do Tejo" in *Património e Espectáculo*. Pedra & Cal, n° 33. Jan/Fev/ Março, 2007, pp. 15-18.



Planta de Augusto Vieira da Silva com base na sobreposição de planos anteriores ao terramoto e na reconstituição da Lisboa de 1755, 1987.

Na sua relação com a cidade, a Real Ópera do Tejo pontuou de forma bastante visível a zona ribeirinha de Lisboa. A sua construção e implantação representaram um processo de autonomização na edificação de um espaço exclusivamente destinado e reservado à recepção da ópera como espectáculo “total”, na sua essência genuinamente italiana, e como instituição de carácter permanente.

A ideia da construção de um Real Teatro de Ópera atravessou dois reinados, iniciando-se um longo processo de encomenda régia ainda com D. João V, mas concretizada pelo seu filho D. José I. Ambos os monarcas pensaram numa política musical dirigida, embora com actuações distintas. O gosto pela ópera⁷ ia-se desenvolvendo enquanto instrumento do poder absoluto.

O rei D. José I procurou de imediato contratar alguns dos melhores cantores italianos, assegurando-se igualmente da colaboração de um dos membros da família de arquitectos e cenógrafos mais conhecidos então na Europa, Giovanni Carlo Bibiena⁸, para seu arquitecto teatral. Este deverá ter chegado a Lisboa em Fevereiro de 1752 (acabando por se naturalizar cidadão português) com um ob-

⁷ No rasto da investigação pioneira de Manuel Carlos de Brito sobre a música e a ópera do século XVIII em Portugal, vejam-se os trabalhos académicos no âmbito da Musicologia de Setecentos em Portugal: FERNANDES, Cristina Isabel V, *O sistema produtivo da música sacra em Portugal nos finais do Antigo Regime: a Capela Real e a Patriarcal entre 1750 e 1807*. Tese de Doutoramento em Música e Musicologia, Universidade de Évora, 2010 e CRAMMER, David "Opera in Portugal or Portuguese opera?" in *The Musical Times*, Vol. CXXXV, nº 1821, November 1994, pp. 692-96, entre muitos outros.

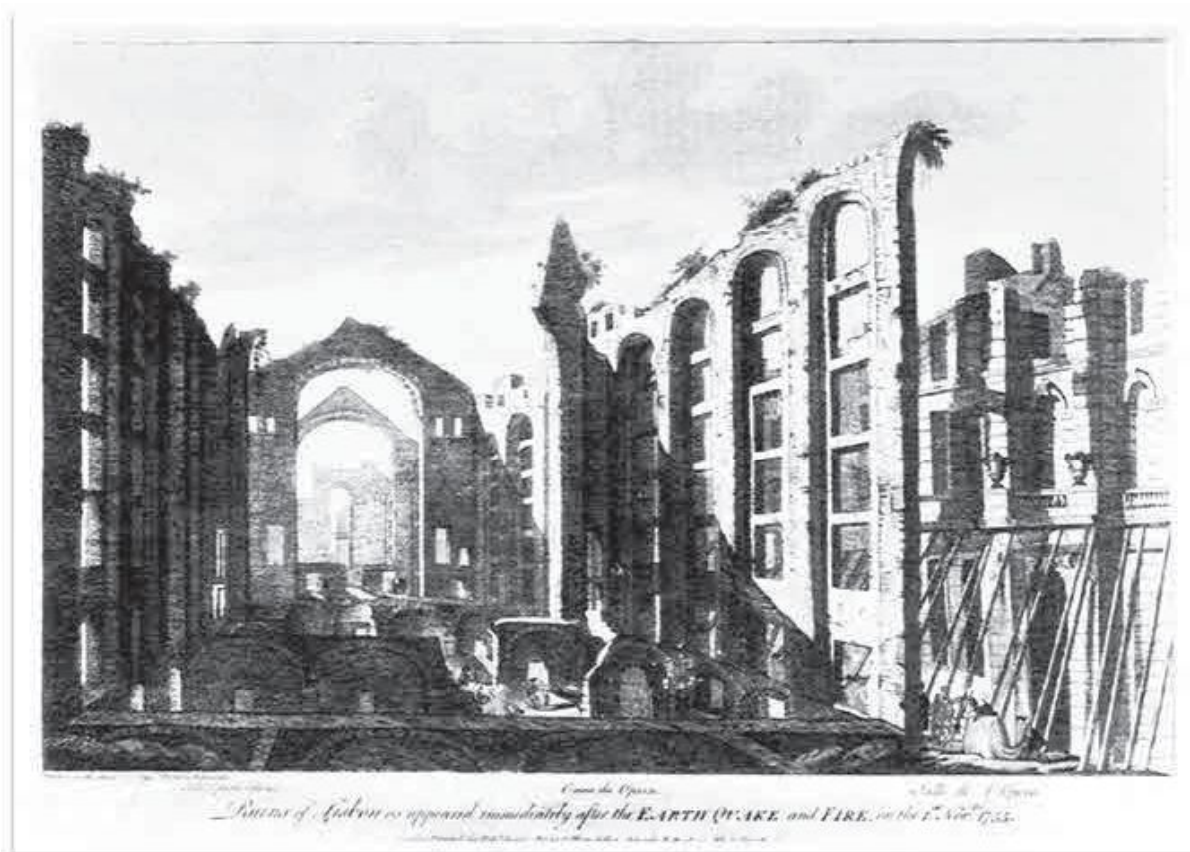
⁸ Vd, CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, "Desenhar para os teatros em meados do século XVIII: os trabalhos de Giovanni Carlo Sicinio Bibiena em Lisboa (1752-1760)" in *Le nove son tante buone, che dir non se pó. Lisboa dos Italianos: História e Arte (séculos XIV - XVIII)*, Série Monográfica "Alberto Beveniste", 4º volume, Lisboa, 2013, pp. 239-251.

jectivo muito preciso: concretização da árdua tarefa de dotar a corte do equipamento necessário à fruição da ópera italiana.

Chegava então pela primeira vez a Portugal, em conjunto, um vasto e qualificado manancial de programas, de conhecimentos, de formas e de técnicas de construção de teatros.

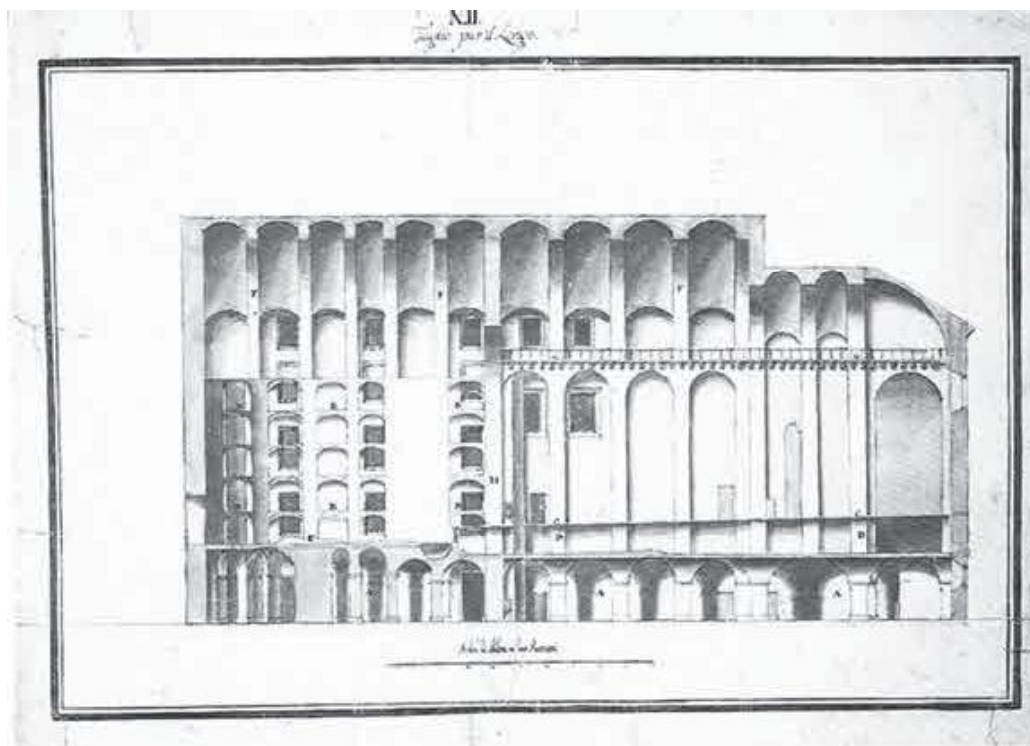
A escolha deste arquitecto-cenógrafo foi decisiva e determinante na adopção de uma tipologia e modelo concretizado neste edifício, na sua própria autoria e filiação: um teatro de raiz italiana.⁹

Para uma leitura muito abreviada do seu espaço arquitectónico, a base de trabalho de que dispomos, falível mas muito possível, são apenas três conhecidos elementos iconográficos: a gravura da autoria de Le Bas, a planta e corte longitudinal, assim como a folha descritiva atribuída a estas duas peças desenhadas.



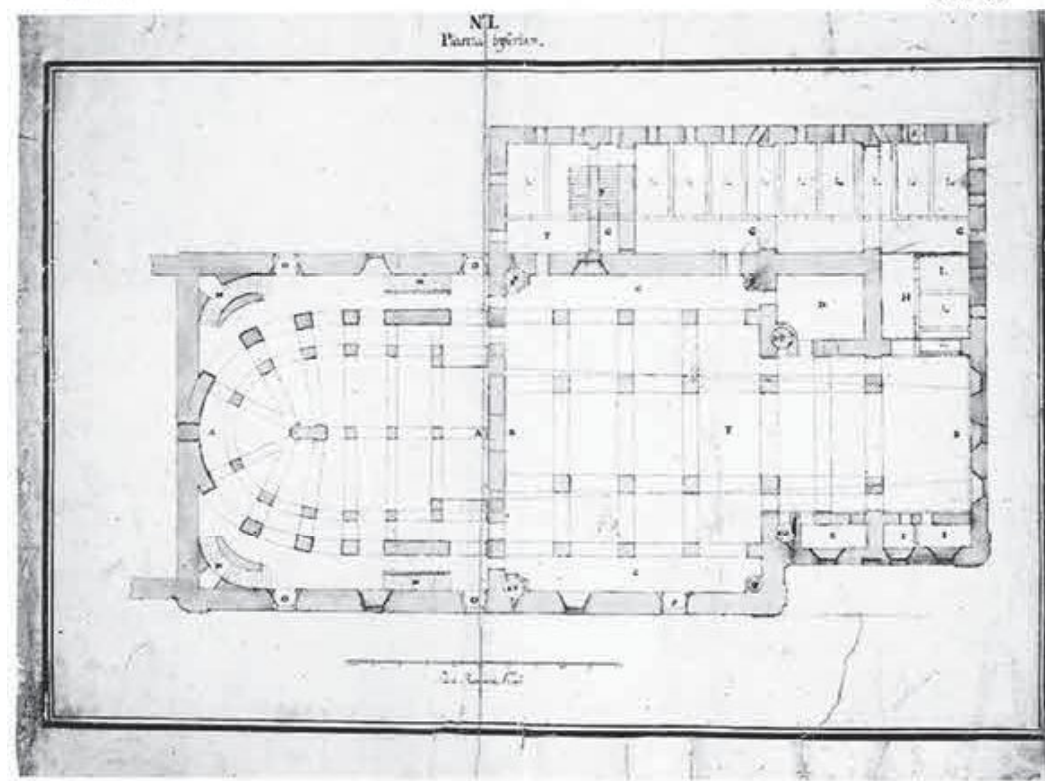
PEDEGACHE, Miguel Tibério, 1730?-1794, Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno de 1755 debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas = Recueil des plus belles ruines de Lisbonnes causées par le tremblement et par le feu du premier Novembre 1755, dessiné sur les lieux par MM. Paris et Pedegache et gravé à Paris par Jac. Ph. le Bas. - À Paris : se vend chez Jac. Franc. Blondel Architecte du Roy : chez Jac. Ph. Le Bas graveur du Roy : chez la Veuve Chereau, 1757. - [1] fol., 1-6 estampas ; 40x56 cm

⁹ CARNEIRO, Luis Soares, *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2003.



CAT. 84

CAT. 85



Real Teatro da Ópera do Tejo, corte longitudinal, desenho à pena, ANBA

De raiz italianizante, o interior deste edifício teria uma sala provavelmente em forma octogonal. Estamos perante a adaptação de um tipo de programa funcional (no fundo trata-se de um espaço de circulação de pessoas, rígido e controlado)

assente no modelo clássico da “tipologia de família” (com formação na escola italiana de Bolonha), sendo sempre possível que esse mesmo modelo apresentasse variações decorrentes da adaptação às condições topográficas e outros condicionamentos locais.

Giovanni Carlo Bibiena aplicaria, como era inevitável, os esquemas tipicamente italianos então em uso por toda a Europa, oferecendo à cidade um Real e verdadeiro teatro de Corte.

- E o outro edifício: uma “encomenda prodigiosa” materializada no complexo programa da esplendorosa Basílica da Patriarcal¹⁰ estabelecida em 1716 na própria Capela Real e sucessivamente engrandecida com o objectivo de renovação urbanística da zona.

Esta esplendorosa Basílica da Patriarcal marcou significativamente a cidade de Lisboa. Cenário único, onde se levava a efeito uma surpreendente emulação da corte pontifícia, entendida como elemento de prestígio da própria corte portuguesa, tornando-se numa das mais dramáticas perdas geradas pelo Terramoto de 1755.

Olhares e percepções sobre Lisboa

A imagem de Lisboa deste período passou também e naturalmente por um discurso escrito, numa apreciação retrospectiva sobre a “memória” de Lisboa, a referência à cidade presente e vivida., relatos muitas vezes opostos e contraditórios: da exaltação das virtudes do clima, do seu porto e da sua geografia, principais qualidades da cidade, até à crítica das suas características urbanas, apontando defeitos de uma cidade que falece de um verdadeiro plano ordenador, apesar das grandes alterações sofridas no período filipino, na Restauração, ou no reinado de D. João V.

Rafael Bluteau¹¹ escrevia um ano antes do nascimento de Verney...

“... Que nenhum local podia ser melhor escolhido que o desta cidade para o desenvolvimento majestoso duma capital: abraça sete colinas tendo cada uma seu vale intermediário. O Tejo oferece ali duas milhas inglesas de largura na sua parte mais estreita... Uma baía tão bem situada poderia tornar Lisboa a métróple comercial do Sul da Europa, se ali se encontrasse um milhão de habitantes em lugar de 300 mil...”

Um outro estrangeiro, Carrère¹², regista mais tarde e num outro tom a Lisboa anterior ao terramoto de 1755:

“... A parte que resta da antiga Lisboa faz cerca de metade desta cidade; oferece uma imagem triste, desagradável e repelente. Nela não há praças; as ruas são estreitas, tortuosas, escuras; as casas, construídas de modo irregular, formam saliências e recantos frequentes, que são verdadeiros velhacoutos de malfeitores...”

¹⁰ AA VV, *A Encomenda Prodigiosa. Da Patriarcal à Capela Real de S. João Batista*, Museu de S. Roque - MNAA, Lisboa INCM, 2013.

¹¹ Cf *Vocabulário Portuguez & Latino*, III, 1712-1721 p. 152.

¹² Cf CARRERE J.B.F (atribuído a) – *Quadro de Lisboa em 1796*, tradução de Pedro Tamen.

O desenho do perfil do cidadão de Lisboa permite-nos compreender como a cidade e o seu habitante se adequavam um ao outro, fundamentalmente no que respeita à vivência dos diferentes espaços urbanos, revelando de que modo os desejos e intenções urbanas expressos correspondem a uma imagem real e/ou imaginada.

Atendendo aos diversos testemunhos, a descrição da imagem de Lisboa assenta em dois momentos opostos: uma Lisboa coerente, majestosa vista do rio - a disposição do casario, em anfiteatro em relação ao Tejo, é sempre referida pelos estrangeiros que aqui aportam e daqui colheram a imagem – considerada por muitos como fictícia – de uma grande cidade, estupenda quando vista de longe, por quem se aproxima pelo rio.

“... Daí se vê Lisboa, que erguendo-se como um soberbo anfiteatro, pela sua elevação, pela extensão e por uma aparente simetria natural, oferece um dos mais belos panoramas do mundo...”¹³ – uma ideia de magnificência, idealização que se traduz de formas várias: conceito de Cidade Eleita; atribuição de origem mítica; cabeça de um Império Espiritual; afirmação de uma beleza ímpar, descoberta a partir do rio como citam, frequentemente num olhar panorâmico e, uma outra imagem de Lisboa, caótica, suja no seu interior, ligada à destruição, à catástrofe, e ao castigo.

Em suma, Lisboa impunha-se - como já referimos - como uma cidade especial e a sua história tornou-se personalizada, criando um género pluridisciplinar, próprio no relato dos seus quotidianos e das suas sociabilidades urbanas.

Por fim, a ocorrência do Terramoto de 1755 e a imagem da cidade pós-catástrofe contribuíram para o aparecimento de percepções sobre as diferenças significativas entre espaço imaginado e espaço projectado.

Lisboa converte-se em deserto: “*todo o centro da cidade ficou reduzido a um pavoroso deserto, em que se não viam mais que montes de pedras e cúmulo de cinzas*”... Os mais versados na cidade desconheciam muitas vezes o sítio que pisavam, confundida a memória na vista de tanto objecto lamentável.”¹⁴ “*Caiu Lisboa sobre Lisboa*”, escreve Pina e Melo¹⁵. “*E não sei se caiu sobre si mesma. Busca-se Lisboa em Lisboa e não aparece.*” É este de facto o sentimento que é expresso após o cataclismo de 1755.

Uma cidade sonhada, *descrita* e real constituem os traços mais fortes da representação que toda esta literatura fez de Lisboa.

¹³ Cf. *Descrição da cidade de Lisboa...* 1730, publicado em "O Portugal de D. João V visto por três forateiros", Lisboa, B.N.P 1983, pp. 37-38.

¹⁴ Cf. Joaquim J. Moreira de Mendonça – *História Universal dos Terramotos que tem havido no Mundo...com huma narração individual Do Terramoto de 1755...* Oficina de António Vicente da Silva, Lisboa, 1758, p. 123.

¹⁵ Cf. Pina e Melo, *Juízo sobre o Terramoto de 1755*, Coimbra 1756 p. 5 e 6.

Concomitantemente, ela existe também real e inventada, por qualificadas vistas, designando Lisboa pelo centro simbólico mas também operativo que o Tejo sempre constituiu.

Em suma, o campo de abordagem iconográfica de uma cidade tão complexa como Lisboa ultrapassa largamente um conhecimento de base histórica, e implica forçosamente e necessariamente a conjugação de abordagens em áreas diversas, ou seja, necessariamente, a ligação entre o discurso visual e o discurso escrito.

Para terminar, e procurando fazer a ponte e a ligação ao nosso projecto de investigação sobre Lisboa, foi exactamente a cidade nas vésperas do terramoto e a memória da Lisboa destruída a 1 de Novembro de 1755 que pretendemos recriar a partir da plataforma de mundos virtuais *Second Life*, dando corpo a um modelo de laboratório de investigação em história da cidade.

As origens do projecto remontam a 2005, ano da evocação dos 250 anos do terramoto de Lisboa de 1755¹⁶, momento em que surgiu a ideia de reconstituir virtualmente um dos edifícios mais emblemáticos da Lisboa barroca: a Real Ópera do Tejo.

Posteriormente, o projecto da Ópera do Tejo foi ambiciosamente ampliado e passou a envolver toda a área da cidade de Lisboa destruída pelo terramoto de 1755.

Este novo projecto, em curso, já apresentado em várias conferências de âmbito internacional¹⁷, configura-se como pioneiro em contexto nacional, pela abrangên-

¹⁶ Vd. CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, "Relembrar o Património perdido: a Real Ópera do Tejo, obra emblemática de encomenda régia na Lisboa Setecentista". In *1755, Catástrofe, Memória e Arte*, Edições Colibri, 2006, pp. 202-211. Mais recentemente, no final de 2013, apresentámos em Paris no Colóquio *Les Lieux d'Opera en Europe (XVIIe-XXIe Siècle)* a comunicação intitulada "Voyage à la théâtralité du Baroque - L'éphémère 'Teatro Real da Ópera do Tejo' à Lisbonne (1752-1755)", encontrando-se as actas ainda no prelo.

¹⁷ Vd. Câmara, A.G. da, e Murteira, H. (2012), 'Cidade e Espectáculo: um projecto de laboratório de história da cidade', in *IV Congresso da História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Portugal: APHA - Associação Portuguesa de Historiadores da Arte/Fundação Calouste Gulbenkian. http://www.chap-apha.com/pdf/IVCHAP_PROGRAMA_GERAL.pdf; Murteira, H., Rodrigues, P. and Câmara, A.G. da (2012), 'City and Spectacle: a vision of pre-earthquake Lisbon', in *Virtual Worlds Research Network - Inaugural Conference*, Edinburgh, UK: University of Edinburgh. http://dl.dropboxusercontent.com/u/71413006/VWRN_Conference2012.pdf; Murteira, H., Câmara, A.G. da and Rodrigues, P. (2012), 'History and Virtuality: Recreating Pre-Earthquake Lisbon', in *Cities & Societies in Comparative Perspective - 11th International Conference on Urban History*, Prague, Czech Republic: European Association for Urban History. <http://www.eauh2012.com/conference-programme/>.

Câmara, A.G. da, Murteira, H. and Rodrigues, P. (2012), 'City and Spectacle: a vision of pre-earthquake Lisbon', in Palatium workshop "Virtual Palaces, Part II - Lost Palaces and their Afterlife. Virtual Reconstruction between Science and Media", Munich, Germany: Palatium/European Science Foundation.

http://www.courtresidences.eu/uploads/general/Munich_abstracts.pdf; Câmara, A.G. da, Murteira, H. and Rodrigues, P. (2011), 'A Cidade Virtual: um modelo de pesquisa', in *Lisboa: o Azulejo e a Cidade - 1º Encontro de Património Azulejar*, Lisboa, Portugal; Câmara, A.G. da, Murteira, H. and Rodrigues, P. (2010), 'City and Spectacle: A vision of pre-earthquake Lisbon', in *Virtual historic cities:*

cia do objecto de estudo e virtualidades do seu formato.

Envolvendo uma equipa interdisciplinar, está alocado no Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora e potencia várias vertentes e mais-valias, constituindo-se como um laboratório de aplicação da linguagem virtual à pesquisa histórica, permitindo e possibilitando testar, numa representação tridimensional interactiva, um longo percurso de investigação em história da cidade.

O projecto *Cidade e Espectáculo: uma visão da Lisboa pré-terramoto* evidencia-se precisamente por trazer à reflexão estes dois aspectos essenciais da História Urbana: a definição de uma metodologia de pesquisa que melhor estabeleça e congregue o contributo das diferentes disciplinas necessárias à história de Lisboa da primeira metade de Setecentos e o despoletar de novos problemas historiográficos pela metodologia utilizada.

reinventing urban research (workshop), Lisboa, Portugal: CHAIA/Universidade de Évora; Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). <http://lisbon-pre-1755-earthquake.org/international-workshop-on-virtual-historic-cities-reinventing-urban-research/>; Murteira, H., Câmara, A.G. da and Rodrigues, P. (2010), 'City and Spectacle: a vision of pre-earthquake Lisbon', in *City & Society in European History - 10th International Conference on Urban History*, Ghent, Belgium: European Association for Urban History; Câmara, A.G. da and Murteira, H. (2010), 'Presentation of the collaborative project: City and Spectacle: a vision of pre-earthquake Lisbon', in *Recreating Renaissance and Baroque Spectacle: the Hispanic Habsburg Dynasty in Context*, Edinburgh, UK: *Recreating Early Modern Festivals*, University of Edinburgh, pp. 30–31. <http://www.recreatingearlymodernfestivals.com/files/booklet2.pdf>; Câmara, A.G. da, Murteira, H. and Rodrigues, P. (2009), 'City and Spectacle: A Vision of Pre-earthquake Lisbon', in *15th International Conference on Virtual Systems and Multimedia (VSMM'09)*, September, Vienna, Austria: IEEE, pp. 239–243. <http://ieeexplore.ieee.org/lpdocs/epic03/wrapper.htm?arnumber=5306004>. Accessed June 30, 2013; Câmara, A.G. da and Murteira, H. (2008), 'City and Spectacle: a vision of pre-earthquake Lisbon', in *9th International Symposium on Virtual Reality, Archaeology and Cultural Heritage (VAST)*, Braga, Portugal: EuroGraphics/Epoch, p. 12.